



Evento: XXX Jornada de Pesquisa ▾

COLONIALISMO DIGITAL: UMA ANÁLISE CRÍTICA DOS CONCEITOS E IMPLICAÇÕES¹

Nadini Casali Bandeira², Lizelote Minéia Schlosser³, Gloria Charão Ferreira⁴, Airtton Adelar Mueller⁵, Adriane Fabricio⁶

¹ Apresentação dos resultados de uma Revisão Sistemática Integrativa realizada para as matérias Dinâmicas Socioculturais do Desenvolvimento e Teoria das Organizações do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Desenvolvimento Regional do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Desenvolvimento Regional pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ. Bolsista CAPES/PROSUC - Modalidade I. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3696342240656244>.

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Desenvolvimento Regional pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4124995893622019>.

⁴ Profa. Dra. e orientadora na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Desenvolvimento Regional- UNIJUÍ. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6551717792135865>.

⁵ Prof. Dr. na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Desenvolvimento Regional – UNIJUÍ. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5894559134396184>.

⁶ Profa. Dra. na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Desenvolvimento Regional – UNIJUÍ. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9275057052526069>.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, tem ganhado força na literatura crítica a compreensão de que o avanço das tecnologias digitais, especialmente da Inteligência Artificial (IA), não acontece de forma neutra, mas opera como uma continuidade das lógicas de dominação colonial (Varon; Peña, 2021; Filgueiras, 2024). Nesse teor, A IA é frequentemente apresentada como um símbolo de progresso, mas sua implementação global revela profundas assimetrias epistêmicas, econômicas e políticas, sobretudo nos países do Sul Global (Tacheva; Ramasubramanian, 2023; Holden; Harsh, 2024).

De acordo com Couldry e Mejías (2019), o atual regime de dados pode ser compreendido como uma nova forma de extrativismo, semelhante ao praticado durante o colonialismo histórico, em que os dados pessoais se tornam recursos explorados por grandes corporações. Nesse contexto, emerge o conceito de colonialismo digital, que articula a apropriação de dados, a imposição de infraestruturas tecnológicas e o silenciamento de saberes periféricos.



Ocorre que, embora existissem contribuições relevantes sobre o tema, estas se apresentavam de forma fragmentada, carecendo de uma sistematização que oferecesse uma visão consolidada e crítica sobre o conceito de colonialismo digital no contexto das tecnologias baseadas em IA.

Diante dessa problemática, este resumo expandido tem como objetivo apresentar os resultados de uma Revisão Sistemática Integrativa realizada para mapear como a literatura acadêmica tem conceituado e analisado a relação entre o fenômeno do colonialismo digital e a inteligência artificial. Buscou-se, assim, fortalecer a base teórica existente, identificar lacunas e propor novas agendas de pesquisa no campo.

METODOLOGIA

A pesquisa seguiu os procedimentos da Revisão Sistemática da Literatura (RSL), com base no protocolo de Tranfield, Denyer e Smart (2003), dividido em três etapas: planejamento, condução e disseminação dos resultados. A pergunta norteadora foi: De que maneira a literatura tem abordado e conceituado o fenômeno do colonialismo digital e sua integração com a Inteligência Artificial?

As buscas foram realizadas nas bases Scopus e Web of Science, considerando o período de 2020 a 2025, com artigos em português e inglês, de acesso aberto e vinculados às Ciências Sociais. Utilizaram-se os termos “colonialismo”, “inteligência artificial” e “artificial intelligence”. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, o corpus final foi composto por oito artigos. A análise adotou uma abordagem qualitativa, indutiva e categorial, com foco na identificação de conceitos, autores de referência, recortes teóricos, contextos empíricos e lacunas. Os dados foram sistematizados por meio de fichamentos analíticos e categorização temática. As referências foram organizadas com o auxílio do software Zotero.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado da Revisão Sistemática Integrativa realizada identificou diferentes denominações para o fenômeno investigado, como colonialidade digital (Cristóvam; Sousa, 2024), colonialismo de dados (Filgueiras, 2024; Varon; Peña, 2021), colonialismo digital (Salami, 2024; Holden; Harsh, 2024; Ricaurte, 2022) e digitalidade neocolonial (Hoque,



2023). Apesar das variações conceituais, há consenso sobre a persistência e adaptação das lógicas coloniais no contexto da inteligência artificial e das infraestruturas digitais globais.

Nesse sentido, Filgueiras (2024) entende o colonialismo de dados como resultado de fluxos informacionais internacionais pouco regulados, que mantêm os países periféricos dependentes do Norte Global. Salami (2024), em complemento, caracteriza o colonialismo digital como o controle de dados por empresas tecnológicas ocidentais, muitas vezes sem consentimento, aprofundando a vulnerabilidade de países africanos.

Ainda, Cristóvam e Sousa (2024), com base em Quijano (2005), diferenciam colonialismo, como dominação direta, de colonialidade, como manutenção de hierarquias epistêmicas. Essa perspectiva é reforçada por Tacheva e Ramasubramanian (2023), que situam a IA em um ecossistema imperialista sustentado por múltiplos agentes e dispositivos.

Identificou-se também que a concentração da infraestrutura digital em países como Estados Unidos, Reino Unido e Alemanha, enquanto o Sul Global permanece como consumidor passivo, é apontada por Ricaurte (2022). Com base em Stiegler (2019), a autora entende a IA como expressão do capitalismo computacional, sustentando uma “sociedade automática” regida pela datificação da vida e pela violência sistêmica.

Varon e Peña (2021), entretanto, destacam que contratos digitais assimétricos e termos de consentimento impostos pelas plataformas legitimam a extração de dados e ocultam as relações de poder subjacentes, prática que denominam de “colonialidade contratual”.

Outro ponto recorrente nos estudos é a atuação de uma força de trabalho invisibilizada, responsável por tarefas essenciais à IA, como anotação de dados e moderação de conteúdo. Essas atividades, realizadas por jovens em países africanos, ocorrem sob condições precárias e sem reconhecimento (Salami, 2024; Tacheva; Ramasubramanian, 2023), evidenciando uma nova divisão internacional do trabalho digital.

Diante disso, os impactos da adoção de algoritmos importados sobre políticas públicas também são discutidos. Filgueiras (2024) aponta que, na América Latina, o uso indiscriminado de tecnologias desenvolvidas no Norte Global compromete a soberania estatal e fragiliza processos democráticos, sobretudo diante da ausência de marcos regulatórios locais.

Por fim, os estudos propõem uma agenda de pesquisa com sete categorias: impérios da IA (Salami, 2024; Holden; Harsh, 2024); multiescalaridade dos danos (Cristóvam; Sousa,



2024); algoritmização da vida (Ricaurte, 2022); arquiteturas digitais e neocolonialidade (Hoque, 2023); resistência e recusa (Tacheva; Ramasubramanian, 2023); alternativas éticas e epistemológicas (Cristóvam; Sousa, 2024); e desigualdades sistêmicas (Varon; Peña, 2021). Tais categorias reforçam a complexidade do fenômeno e a importância de abordagens interseccionais e críticas na análise do colonialismo digital na era da inteligência artificial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da Revisão Sistemática Integrativa constatamos que o colonialismo digital perpetua a continuidade das desigualdades históricas de dominação colonial através da Inteligência Artificial. A literatura aponta para um cenário no qual o Sul Global permanece numa posição subalterna, seja pela exploração de dados, pela concentração das infraestruturas digitais no Norte Global ou pela imposição de modelos algorítmicos que ignoram os contextos globais.

Diante desse cenário, é necessário adotar abordagens críticas que considerem os impactos sociais, econômicos e epistêmicos da IA. A agenda de pesquisa aponta caminhos para refletir sobre alternativas éticas, epistemológicas e políticas, com destaque para a construção de soberanias tecnológicas e o fortalecimento de vozes periféricas na produção e uso da IA. Assim, este estudo contribui para o avanço do debate ao sistematizar e problematizar o campo, oferecendo subsídios teóricos para os pesquisadores e formuladores de políticas públicas.

Palavras-chave: Colonialismo Digital. Inteligência Artificial. Desigualdade Epistêmica.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 e no âmbito do Convênio firmado entre a Unijuí e o Município de Ijuí.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COULDRY, N.; MEJIAS, U. Data colonialism: Rethinking big data's relations to the contemporary subjects. **Television & New Media**, v. 20, n.4, p. 336-349, 2019.



CRISTÓVAM, J. S. D. S.; DE SOUSA, T. P. Technological sovereignty vs. digital coloniality: Smart state and public policies for an AI Bethânia. **Sequencia**, v. 45, n. 98, 2024.

FILGUEIRAS, F. Artificial Intelligence Governance Challenges in Latin America. Infrastructure, Decolonization and New Dependency. **Reforma y Democracia**, n. 87, p. 44–70, 2023.

HOLDEN, K.; HARSH, M. On pipelines, readiness and annotative labour: Political geographies of AI and data infrastructures in Africa. **Political Geography**, v. 113, 2024.

HOQUE, S. T. Neocolonial Digitallity: Analyzing Digital Legal Databases Using Legal Pluralism. **Asian Journal of Law and Society**, v. 10, n. 3, p. 516–549, 2023.

QUIJANO, Aníbal. Coloniality of power and Eurocentrism in Latin America. **International Sociology**, v. 15, n. 2, p. 215–232, 2000.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Organizador). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais/perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RICAURTE, P. Ethics for the majority world: AI and the question of violence at scale. **Media, Culture and Society**, v. 44, n. 4, p. 726–745, 2022.

SALAMI, A. O. Artificial intelligence, digital colonialism, and the implications for Africa's future development. **Data and Policy**, v. 6, 2024.

STIEGLER, B. Automatic Society. **Cambridge: Polity**, v. 01, 2016.

STIEGLER, B. The Age of disruption. **Cambridge: Polity**, 2019.

TACHEVA, J.; RAMASUBRAMANIAN, S. AI Empire: Unraveling the interlocking systems of oppression in generative AI's global order. **BIG DATA & SOCIETY**, v. 10, n. 2, jul. 2023.

TRANFIELD, D.; DENYER, D.; SMART, P. **Towards a Methodology for Developing Evidence-Informed Management Knowledge by Means of Systematic Review**. British Journal of Management, v. 14, n. 3, p. 207–222, set. 2003.

VARON, J.; PEÑA, P. Artificial intelligence and consent: a feminist anti-colonial critique. **Internet Policy Review**, v. 10, n. 4, 2021.